

# O SANTO GRAAL

## Curando a Ferida Sexual na Psique Ocidental

*Roger J. Woolger*

Não sou um mecanismo, um conjunto de peças.  
E não é porque o mecanismo está funcionando mal  
que estou doente.  
Estou doente por causa das feridas da alma, no profundo eu emocional.  
E as feridas da alma precisam de muito, muito tempo;  
só o tempo pode ajudar,  
e a paciência, e um certo arrependimento difícil, longo,  
um difícil arrependimento, percepção do erro da vida,  
e a nossa própria libertação da interminável repetição do erro,  
que a humanidade em geral prefere santificar.

*D. H. Lawrence, A Cura*

Naquele ponto exato onde tua alma se torna carnal;  
naquele exato ponto a cidade de Deus é criada, sem início.  
*Dame Juliana of Norwich, Revelations of Divine Love*



*O Rei Pescador ferido nas coxas*

## INTRODUÇÃO

A lenda da busca do Santo Graal encontra expressão literária pela primeira vez, no fim do Século XII, com a obra, do poeta Chretien de Troyes, cujo título é *Percival ou A História do Graal*. Foi um dos últimos romances palacianos tecidos em torno da antiga *Matiere de Bretagne* (Questão da Grã-Bretanha), extensa tradição oral que relata as explorações do Rei Artur e dos Cavaleiros da Ordem da Távola Redonda no reino mítico de Avalon.

O aparecimento da lenda do Graal e dos romances arturianos nessa particular conjuntura da história não foi mero acaso. A sociedade era universalmente feudal, o que significa dizer que todos pertenciam à pirâmide patriarcal composta pelo lorde, o cavaleiro e o vassalo. A Igreja Cristã aprendeu na Era Romana a se adaptar a essa estrutura de poder, adotando o modelo imperial na sua hierarquia: Sumo Pontífice, arcebispos, padres, monges, freiras. Com raras exceções dinásticas, as mulheres (as freiras, por exemplo) estavam na mais baixa escala e eram frequentemente consideradas meros objetos de posse. E, como a Igreja era predominantemente masculina e tecnicamente celibatária, um clima de repressão sexual aguda prevalecia. A consequência inevitável de tal repressão foi uma prática extensiva da homossexualidade dentro da Igreja e uma sucessão de episódios de histeria coletiva que culminou com a posterior caça às bruxas. *Sex in Society*, soberba obra de Gordon Rattray Taylor, assim resume: “Não é exagero dizer que a Europa Medieval lembrava um grande manicômio”.

Quando a sociedade inteira está desequilibrada pela unilateralização ou pela repressão, torna-se previsível uma reação compensatória do inconsciente coletivo. Se essa reação vai-se manifestar sob a forma de uma revolução na política ou em outra arena qualquer depende, naturalmente, do grau de repressão. Na cultura decididamente masculina da Idade Média, a reação veio sob a forma da cultura romântica dos Trovadores e de movimentos espirituais populares, como o dos Cátaros, por exemplo. Ambos davam destaque ao feminino e ofereciam alternativas tanto espirituais como leigas à ortodoxia vigente. O aparecimento desses movimentos em uma cena há muito dominada pelo poder masculino provocou uma crise na consciência da época, comparável, como Jung sugere em sua obra *Aion*, à crise da meia-idade de indivíduos unilateralizados. Na verdade, a sociedade como um todo experimentou quase que um colapso absoluto, com sintomas neuróticos, sonhos visionários e tentativas violentas de recuperar o controle com subsequente repressão.

No ensaio que segue, tentarei demonstrar que os mitos e lendas dos Séculos XI e XII podem ser interpretados como sonhos coletivos da crise medial da Era Cristã. Para ilustrar, aplicaremos o método de C. G. Jung de interpretação de sonhos à versão de Chretien de Troyes da lenda do Graal. O ensaio será fundamentado na importante obra da esposa de Jung, Emma Jung, e na perspectiva de amor romântico estabelecida por Denis de Rougemont, em seu *O Amor e Ocidente*, e por Rattray Taylor, em sua obra acima citada.

Em conformidade com o método geral de Jung, a Parte I da interpretação “estabelece o contexto” da lenda em termos sócio-históricos. No trabalho de sonhos, para estabelecer o contexto “sócio-histórico”, pergunta-se o que um determinado sonho tem a ver com a vida atual do sonhador e como o material simbólico pode ser relevante para a situação existencial no momento do sonho.

Com raras exceções, não se fazem perguntas contextuais com relação a mitos. A tendência é considerar, antes, seu significado universal e espiritual. No presente trabalho, no entanto, o núcleo do mito vai ser interpretado especificamente para elucidar a psicopatologia da era na qual ele surgiu, porque acredito assim poder lançar luz sobre problemas extremamente difíceis com os quais ainda hoje pelejamos. Do mesmo modo que *The Glory of Hera*, de Philip Slater,

demonstra com sucesso – na minha opinião, pelo menos – como o mito e o drama grego refletem as tensões patriarco-matriarcais da família grega, assim também acredito que se pode demonstrar que as lendas arturianas espelham crises recentes da identidade masculina e a distorção e alienação da parte feminina na psique do Ocidente.

Leitores que preferam omitir a contextualização histórica, que certamente é remota e não tão envolvente, podem tranquilamente proceder diretamente para a Parte II, onde lidamos com as principais imagens simbólicas da lenda propriamente dita.

## PARTE I: O CONTEXTO HISTÓRICO DA LENDA DO GRAAL

### O Tumultuado Século XII: Uma Sociedade Aberta

O período em que Chretien escreveu foi um dos mais complexos e dinâmicos da história medieval; foi uma era que testemunhou importante inquietação política, religiosa e social. Em Aion, Jung a viu como um divisor de águas espiritual, surgido a meio caminho entre a Era de Peixes e a Era Cristã – assim denominadas pelo mito astrológico da história. Embora a Espanha Moura abrangesse também os árabes, a Primeira Cruzada, de 1096, re-despertou no Ocidente um rápido interesse por Jerusalém.

Antes da Segunda Cruzada, de 1146, Jerusalém estava de novo esquecida; e perpetuado estava o conflito entre a Igreja Romana e os vários califados e reinos islâmicos que se opunham ao recém-nascido imperialismo religioso. Apesar dos elevados motivos religiosos que inspiraram os primeiros cruzados, as Cruzadas logo degeneraram em feudos de ambição pessoal e ganância, marcados por atrocidades e massacres de extrema crueldade. Mas, como ocorre com todas as guerras de expansão contra um inimigo comum, as Cruzadas trouxeram um novo espírito de unidade que beneficiou a Cristandade e reabriu uma vasta via de acesso para o Oriente.

Por essa via fluiu uma corrente regular de professores, médicos, alquimistas, animadores e músicos, que trouxeram o conhecimento grego e a ciência árabe, que estavam esquecidos, de volta para o Ocidente, modificando a face da Cristandade, que ainda lutava para sair do feudalismo do período chamado Dark Ages. Os professores e médicos fundaram as primeiras universidades da Espanha e da Itália (o uso da beca preta da academia é uma herança dos professores árabes); os poucos alquimistas árabes propagaram as sementes da ciência Ocidental; as canções de amor lírico dos árabes inspiraram um tipo de cantor nômade completamente novo e sofisticado, o Trovador, um animador e satírico social cuja voz sobreviveria nas várias gerações seguintes de livres-pensadores jovens e aventureiros inebriados diante do novo conhecimento e impacientes com a hipocrisia da Igreja.

Os Trovadores não eram absolutamente os únicos a se impacientarem com a enfadonha e muitas vezes corrupta hierarquia da Igreja de Roma. Numerosos movimentos religiosos nasceram espontaneamente no que chamamos de âmbito popular – os Waldenses, os Patárenes, os Homens Pobres de Lião, os Irmãos do Espírito Livre, os Cátaros ou Albigenses – inspirados por jovens líderes carismáticos como Peter Waldo e Francisco de Assis.

A Europa dessa época era, como propôs Friedrich Heer, “uma sociedade aberta” na qual se fomentavam o livre experimento e a investigação nas artes, nas ciências, na filosofia, pelo influxo recente da cultura oriental e árabe. Esse fermento cultural também estimulou uma revitalização do interesse nas tradições nativas, como a “Questão de Grã-Bretanha” mencionada acima. Fora isso, surgiu no sul da França uma civilização extraordinariamente rica e

multifacetada que foi chamada de Civilização Provençal. Essa cultura contava com poetas próprios – os Trovadores – sua própria epopéia, sua própria língua – *a langue d’oc* – e, acima de tudo, cortes vibrantes, onde se desenvolveram as novas maneiras aristocráticas e os novos códigos de honra do cavalheirismo, que posicionavam a dama, *la donna*, no coração de seu universo social e de seu universo espiritual. Das exageradas fantasias dos Trovadores nasceu a courtesia, o culto ao amor cortês, do qual o conceito (unicamente ocidental) de amor romântico derivou.

Como resultado da maneira compartimentalizada como a história é escrita – arte, padrões sociais, filosofia, política, todos tratados isoladamente – raramente considera-se que tenham sido hereges somente as crenças religiosas da civilização de Languedoc, Provença, e Poitou, porque também sua própria cultura contestou todas as suposições dos mil anos de Cristianismo. *O Mundo Medieval*, de Friedrich Heer, é um dos raros livros que tenta nos informar, na íntegra, sobre as correntes e encadeamentos que alternadamente atuaram no processo: Celtas, Mouros (considera-se islâmica a cosmologia de Dante), Espanhóis, Orientais, Maniqueístas, Gnósticos. A Kabbala apareceu primeiramente no sul da França, por intermédio das comunidades espanholas de judeus; diz-se que as cartas do Tarô entraram na Europa nesse período a partir de uma fonte Sufi; a dança Morris inglesa era originalmente chamada de dança “Mourisca” e veio a partir do casamento de Eleanor da Aquitânia com Henrique II, da Inglaterra. Numa época posterior relatou-se que os Cavaleiros Templários teriam transmitido uma tradição secreta pela Ordem Sufi Islamita localizada em Jerusalém e estabelecido centros de iniciação nos Pirineus. Sabemos, por exemplo, que Wolfram Von Eschenbach, autor de *Parzifal*, foi um templário e, conforme ele conta, baseou sua história em um certo Kyot, ou Guyot, de Provença.

## Os Trovadores

Os Trovadores provinham da aristocracia. Guillaume IX (1071-1127) é normalmente tido em conta como o primeiro Trovador. Ele foi Conde de Poitiers e Duque de Aquitânia, avô da famosa Eleanor. Rebelde na juventude, Guillaume nutria pouco respeito pela devassa Igreja dos seus dias; suas canções (canções) eram repletas de sátiras e paródias do clero. Sua visão juvenil da Dama está muito distante dos estereótipos elevados dos Trovadores posteriores; ele estava mais para um Henry Miller medieval, absolutamente obsceno e licencioso, ecoando a turbulência da *Carmina Burana*, uma coleção de potáveis canções monásticas. Em uma de suas canções, ele proclama: *dirai vos de con, cals es as leis*, o que livremente traduzido significa: “Eu te direi tudo sobre a boceta e suas leis”. Sua imagem da mulher certamente amadurece, mas, em sua paixão selvagem, elas continuam sendo criaturas de carne e sangue. Guillaume estabeleceu o tom para o desenvolvimento do que podemos chamar de contracultura do Século XII.

No tempo da carreira ascendente e tempestuosa de sua neta, Eleanor de Aquitânia, o culto trovador já tinha desenvolvido um código comum de humildade, cortesia e devoção à dama, tornando-o um culto refinado ao amor. Todo Trovador – nem todos agora nascidos na nobreza – aspiravam ao amor de uma dama mais elevada que ele em categoria e espírito. Socialmente, a dama era induzida pela convenção a rejeitá-lo para valorizar as “provas” que a busca dele envolvia, mas, na realidade, havia muitas uniões adúlteras secretas, como na famosa história de Tristão e Isolda. Bertran de Ventador é um bom exemplo da lealdade que o amor cortês deveria demonstrar; ele idealizou uma paixão sem esperança por Eleanor, sua patronesse – sem esperança em função de sua posição. Ainda assim ele jurou nunca alterar sua sina, que era a de alternar esperança e desespero, por todos os reinos da terra.

## O Culto à Dama

Não é demais ressaltar a excepcionalidade dessa eflorescência do culto ao feminino, considerando-se que, mesmo na nossa Era chamada Iluminada, é tarefa sofrida e difícil para as mulheres resgatarem status e dignidade espiritual semelhantes aos que obtiveram nessa época. Se nós hoje deploramos a rigidez dos patriarcas dos dias atuais, uma rápida vista d'olhos à brutalidade dos lordes medievais de primeira ordem, com seus cintos de castidade de ferro e cruéis punições para o adultério, nos ajudará a perceber que uma extraordinária transformação ocorreu nas almas daquela Era, promovida pelos Trovadores e por mulheres como Marie de France e Eleanor de Aquitânia.



Historicamente, não há precedente próximo a essa mudança, uma vez que as antigas mulheres romanas eram estritamente mantidas em casa como sabujas parideiras, e, mais tarde, os primeiros ascetas cristãos do deserto, ferozmente renegando a carne, faziam o possível para que as mulheres fossem vistas como enviadas de Satã. Além do mais, Maria, a mãe de Deus, ainda não tinha se tornado objeto de idolatria; ao contrário, a comunidade cristã sublimava o feminino na alma cultural da *Mater Ecclesia*, ou Madre Igreja, que era uma abstração cultural e não um objeto de devoção meditativa. Se há uma origem histórica para o ressurgimento do feminino, é muito mais provável que esteja relacionada aos cultos pagãos da Grande Deusa – os mistérios de Isis, de Diana de Efeso, e especialmente da Sofia dos gnósticos – que provavelmente foram levados para a Europa pelos contatos artísticos de Trovadores como Peire Vidal, que tinham visitado o Ocidente, e principalmente pelos Cátaros, que reverenciavam uma das versões de Sofia e ordenavam não só os homens mas também as mulheres ao sacerdócio.

E assim há como que um revigoramento da sombra pagã do Cristianismo, particularmente no que pode ser chamado de dimensão dionisíaca e venusiana: o uso extático da arte, da música e do corpo para atingir uma comunhão com a natureza divina do corpo. A paixão dos Trovadores era terrena e sensual; já não há mais nenhuma justificativa para encarar as damas dos Trovadores com as cores dos Pré-Rafaelitas, ou seja, como animas puramente etéreas separadas do corpo; os Trovadores celebraram a encarnação do feminino exatamente como celebraram sua espiritualização. O que é moderno no *romans* cortês de Chretien, Marie de France, Wolfram, e Gottfried Von Strassburg é que, ao recontar as vicissitudes por que passa o herói em sua tentativa de salvar e conquistar sua dama, essas narrativas revestem-se de uma forma medieval de psicologia profunda, tão sofisticada na sua riqueza simbólica quanto as tramas oníricas da anima e do animus identificadas por Jung e seus seguidores. Friedrich Heer sintetiza esse processo com notável discernimento em seu *Mundo Medieval*:

Os remédios prescritos para o homem que se perdeu mil vezes no labirinto de suas paixões imaturas são: mulher, “natureza”, mysterium. No romans, portanto, uma mulher está sempre acessível para transformar e enobrecer um homem. Por intermédio dessa relação com a mulher, o homem ganha acesso a sua própria alma, às camadas mais profundas do seu “coração”; sua busca sensível por sua “rainha” o faz mais sábio, mais sensível, mais consciencioso como pessoa.

### O Significado Psicológico do Cavalheirismo

Se considerarmos a terrível aspereza das cenas com que se defrontavam os cruzados em seu encontro diário, em batalha, com a morte, o estupro, a mutilação e o massacre, é possível aquilatar a influência civilizatória dos “cortejos de amor” que vicejavam em Poitiers e Anjou, sob os auspícios de Eleanor de Aquitânia, sobre a crueza da vida militar. As cruéis artes de Marte fizeram sobressair, em um movimento compensatório, as artes suaves e sensuais de Vênus, uma *education sentimentale* que influenciou a Idade Média e que também traz consigo a herança literária e artística que chamamos de romance, o tema eterno de que *amor vincit omnia* – o amor, em suas muitas formas, conquista tudo. Como C. S. Lewis disse, em sua famosa obra *A Alegoria do Amor*:

Os Trovadores efetuaram uma mudança que não deixou nenhum recanto de nossa moral, de nossa imaginação ou de nossa vida cotidiana intocado, e erigiram barreiras intransponíveis entre nós e o passado clássico ou o presente oriental. Comparado a essa revolução, o Renascimento é apenas uma pequena onda na superfície.

Quanto à Marte, eu sugeri em alguma outra de minhas obras que um dos efeitos de mais longo alcance da adoção, por parte do Imperador Constantino, do Cristianismo como religião oficial do Império Romano foi que, dali em diante, o Cristianismo do Ocidente tomou o caráter assertivo e militar do arquétipo imperial e perdeu completamente a função de identificar-se com o oprimido e perseguido – e a isso chamei de papel sacrificial Dionisíaco do Cristo crucificado. Então, quando o martírio desapareceu da Igreja dos primeiros dias, que foi então substituída pela Igreja Militante, toda relação recíproca entre perseguidor e perseguido reverteu-se – uma dialética arquetipicamente simbolizada na diáde Marte-Dioniso.

É um exemplo coletivo da estratégia defensiva conhecida na psicanálise como identificação com o agressor. A consequência infeliz desse movimento, tanto no âmbito pessoal como no âmbito coletivo, é que há, então, uma necessidade de encontrar uma vítima para contrabalançar o recém-encontrado poder. As perseguições aos judeus vieram de encomenda para a assim chamada Dark Ages, mas, com certeza, a resposta mais satisfatória quem a proveu foi o pagão sarraceno nas guerras contra o Islã, uma religião igualmente Marciana e agressiva e imperial sobre a qual os heróicos cruzados podiam facilmente projetar suas sombras vorazes (um jogo satisfatório que é ainda atrativo para a América Cristã e o Irã muçulmano de hoje). Friedrich Heer também vê essa tendência Marciana como unicamente romana, quando assinala que, por contraste, a Igreja Oriental não reconheceu nenhuma guerra como “santa”; insistindo, ao contrário, que “um Cristão deveria lutar com as armas de Cristo; suas batalhas deveriam ser somente espirituais”. O Ocidente, por outro lado, seguiu literalmente o curso de Marte:

Em 1096 o hábito, agora com vários séculos de idade, de usar meios políticos para subseqüentes fins religiosos tinha se tornado tão bem estabelecido no Ocidente que a metáfora paulina de lutar por Cristo podia ser interpretada como um serviço militante da nobreza.

Ao contrário disso, parece claro para mim que os romances cortesês eram tentativas de sublimar, isto é, de re-espiritualizar o papel do nobre, por meio de um rigoroso código de honra cavalheiresco, para assim redimir a metáfora paulina que se havia degenerado.

### **Heresia, Gnosticismo e Sexualidade**

Se, como assinala Heer, não havia nada de novo no militarismo excessivo da Igreja Romana ao lidar com rivais externos, também nada havia em sua supressão da ameaça interna de heresia cuja origem não pudesse ser remontada aos primeiros séculos da Era Cristã. Por exemplo, um historiador recente do Cristianismo, ele mesmo Católico, abertamente chamou Santo Agostinho (354-430) de “o primeiro inquisidor”, por sua participação na perseguição dos hereges Donatistas. Na verdade, o estabelecimento da autoridade de uma igreja centralizada em Roma caminhava de mãos dadas com a supressão de escolas rivais de interpretação dos ensinamentos de Cristo; eram igrejas alternativas as quais os historiadores livremente englobam sob o rótulo de Gnosticismo. Então, como ocorreu mil anos depois – e ocorre ainda hoje –, uma das disputas centrais com os gnósticos, depois que eles foram elevados ao palco político, era sobre a posição do princípio feminino no ensinamento cristão e o problema conexo de reconciliar os dois extremos conflitantes da natureza humana: espiritualidade e sexualidade.

Como sabemos pela História, a Igreja Romana muito cedo se tornou uma instituição predominantemente patriarcal, e para ela a solução do problema da sexualidade era: uma grande dose de negação sob a forma de celibato oficial e o ostentoso ascetismo dos Pais do Deserto. Muitos cristãos gnósticos, por outro lado, continuavam a venerar a Deusa Mãe como igual ao Deus Pai sob denominações tais como Isis, Barbelo, ou Sofia (e mais tarde Maria). Embora algumas facções gnósticas tenham ficado tão ascéticas quanto a maioria de suas primas ortodoxas, muitas adotaram uma prática espiritual diferente com respeito ao sexo cujo significado real foi enterrado sob séculos de ofuscação puritana da história da Igreja. Uma releitura da história da feitiçaria sintetiza assim suas descobertas recentes:

Os gnósticos eram ascetas de uma maneira difícil de as pessoas modernas entenderem. Eles acreditavam em negar este mundo e purificarem-se, mas às vezes praticavam a indulgência sexual como um meio de purificação. Ocasionalmente pareciam crer que a melhor maneira de transcender “o mal” era experimentando-o. Eram sensíveis ao ascetismo pagão, que, diferentemente do Cristianismo, incluía *tanto* a auto-indulgência *quanto* a autonegação. Por exemplo, os ritos antigos da Grande Mãe incluíam orgias sexuais, mas que eram supervisionadas por padres celibatários.

Hoje sabemos, graças a um grande número de histórias bem-pesquisadas sobre o “submundo” do Cristianismo, que esses rituais sexuais praticados pelos primeiros gnósticos não desapareceram simplesmente em função da perseguição. Ao contrário, eles foram recolhidos aos padrões do mundo Cristão ortodoxo e sobreviveram em facções obscuras como a dos Paulicianos ou nos segredos cuidadosamente guardados da tradição Hermética da alquimia, de onde ao final foram absorvidos pelo Sufismo esotérico. Um lugar muito importante onde as práticas sexuais dos gnósticos parecem ter sobrevivido de forma relativamente pacífica foi a Bulgária, em grande parte porque ela não se converteu ao Cristianismo até 864 A. D. Esse país balcânico desde cedo teria abrigado uma versão da heresia dualista Maniqueísta chamada Bogomilismo. Originalmente os Bogomils eram estritamente puritanos, mas, sob a influência de uma seita gnóstica chamada de os Massalianos, revisaram suas crenças e práticas concernentes ao corpo. Foi dos Massalianos que tomaram a idéia de que, após um rígido período de purificação, seria possível atingir um estado onde a negação não seria mais necessária, para que, assim, o adepto pudesse envolver-se em qualquer ato sexual sem pecado.

A fusão das duas seitas assinaladas acima foi completada antes do Século X, período durante o qual o Bogomilismo também se identificou com a luta dos servos búlgaros contra os despóticos lordes cristãos. As crenças e práticas dos Bogomils espalharam-se pelo norte da Itália e depois para o sul da França e, de lá, para todas as partes da Europa, onde os convertidos à nova fé ficaram conhecidos como os Cátaros ou Cathari (do grego katharoi, que significa “os purificados”). O Catarismo, ou a Heresia Albigense, como depois foi chamado (em função de sua concentração em torno da cidade de Albi, na França), iria tornar-se a mais difundida de todas as heresias medievais – popular a ponto de ameaçar a Igreja Católica em seu solo natal.

Os Cátaros se consideravam Cristãos e tinham seus próprios sacramentos e estágios de iniciação e treinamento espiritual semelhantes aos do Yoga. Mas Jesus era para eles um Profeta não divino e eles abominavam a Crucificação. Mulheres eram bem respeitadas; eram ordenadas ao sacerdócio e depois se tornaram politicamente influentes. Parece provável, devido a sua disseminação por todo o sul da França, particularmente Languedoc e Provença, que os Cathari tenham exercido poderosa influência sobre a doutrina cortês de iniciação por meio de um proibido, mas transcendente, caso de amor, cujo propósito não era a procriação, mas a contemplação. O objetivo dos iniciados mais avançados, os Perfecti, era transcender o ciclo de nascimento e morte e, para esse fim, desencorajavam o casamento, usando o sexo somente para propósitos espirituais.

Fica claro, a partir dessa breve descrição, o quanto a igreja Cátara deve ter sido antitética ao espírito do Catolicismo. Não é, então, totalmente surpreendente o fato de que, em 1208, o Papa Inocêncio III tenha usado o assassinato de um de seus nuncios, nos arredores de Toulouse, como pretexto para armar uma guerra completa, a qual mais tarde foi chamada de Cruzada Albigense, cujo fim era erradicar a civilização herege do sul da França. Populações inteiras das cidades de Albi, Béziers, Carcassonne e Foix foram brutalmente massacradas. Depois de um amargo período de 20 anos da campanha “ache e destrua”, a partir da qual a Igreja formou sua eficiente polícia

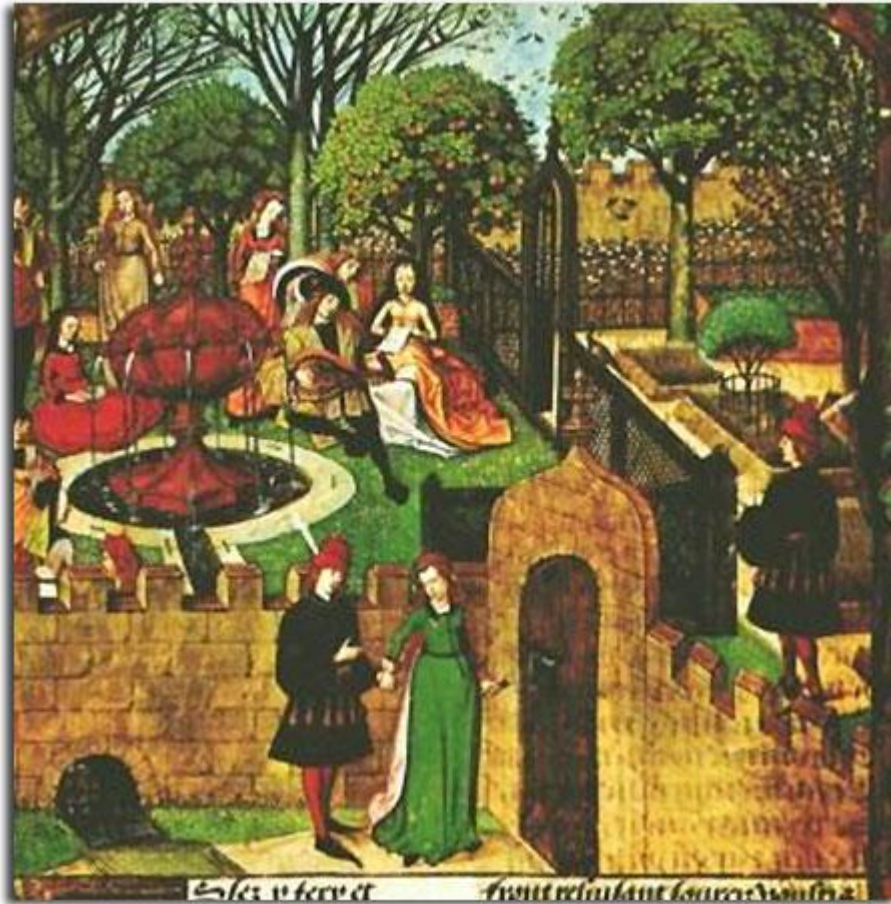


secreta, a Santa Inquisição, estima-se que aproximadamente meio milhão de Cátaros foi queimado, ou de outra maneira morto, por sua fé. Quase nenhum traço dessa religião sobrevive nos dias de hoje, mas o poder de sua fé pode ser aferido pelos fatos: os registros da Inquisição indicam que apenas quatro hereges renegaram sua fé sob a ameaça de tortura e fogueira. Os Cátaros podem muito bem ter ecoado o dito Donatista, suprimido séculos antes por Agostinho, de que a “a verdadeira Igreja é aquela que é perseguida, não aquela que persegue”.

### **A Secreta Igreja do Amor**

Antes do ataque ofensivo dessa trágica guerra (considerada por muitos como importante ponto de decisão na história religiosa do Ocidente), a área que abrange de Languedoc ao nordeste dos Pirineus já havia se tornado também um centro espiritual importante para ensinamentos esotéricos, os quais reduziram as diferenças ortodoxas entre Cristianismo, Judaísmo e Islamismo. Ali prosperou o aparecimento não somente de professores de inspiração gnóstica, como os Cátaros, mas também kabbalistas judeus, mestres Sufi e possivelmente outros mais. Autoridades na história do esoterismo afirmam que eles todos tinham em mente um objetivo comum, qual seja, o de reinfundir no Cristianismo uma espiritualidade mística, reinserindo o princípio feminino perdido no Ocidente. Pressentindo que o Catarismo pudesse não sobreviver ao grande poder de Roma, as antigas histórias celtas de Arthur e seus cavaleiros parecem ter sido conscientemente utilizadas para transmitir seus ensinamentos. Certamente, esses mitos prestam ouvidos a uma tradição matriarcal antiga que venerava a Deusa de muitas maneiras e tratava as mulheres como iguais – serve como ilustração o fato de que a deusa Ceridwen possuía um caldeirão mágico que pode bem sugerir um protótipo do Santo Graal.

Falando para uma camada profunda e possivelmente universal da velha psique europeia, esses mitos serviram como veículo perfeito para uma doutrina gnóstica e esotérica da divindade da Mãe e para um sentido mais elevado da busca cavaleiresca. Todas as ordens cavaleirescas posteriores, especialmente os Cavaleiros Templários, refletem esse secreto conhecimento de iniciação; e o mesmo ocorre com uma outra corrente que se iniciara, os Maçons, que construíram seus segredos dentro da estrutura e sagrada geometria Pitagórica das grandes catedrais góticas. A importância disso tudo no sul da França é mencionada nos escritos de Wolfram Von Eschenbach (ele mesmo associado aos Templários), que coloca o castelo do Graal nos Pirineus em sua obra posterior, *Titirel*. Segundo Heer, é provável que Chretien de Troyes tenha sido ele mesmo um Cátaro.



Na maior parte dos casos, foram precisamente os Trovadores, os minnesingers e os menestréis celtas que disseminaram os romances de Arthur, Lancelot, Tristão, e Gawain, retratando-os como elegantemente ousados nas cortes onde predominava a *courtezia*, ou como mais espirituais para o público cristão ortodoxo. Dos Séculos XII a XIV, todas as versões escritas dessas histórias, se reunidas, formariam um volume tão grande e tão popular quanto a Bíblia. Certas imagens, como a do jardim da Rosa, a fonte, a noiva abominável, a donzela aflita e, principalmente, o Santo Graal reaparecem nas mais diversas formas. O símbolo da rosa, por exemplo, repete-se entre os Sufis, no *Roman de la Rose*, no *Paraíso* de Dante, nas janelas da Catedral de Chartres, e finalmente na mística Ordem Rosacruz. Nesses fragmentos percebem-se remanescentes da difundida Igreja do Amor, que tentou, como expressaram os trovadores, reverter ROMA para AMOR, mas, como malograram, foram forçados a tornarem-se secretos e a ocultarem seus ensinamentos sob as alegorias de amor cortês.

No culto secreto indiano tântrico chamado o Maithuna, a união sagrada da deusa com seu consorte divino é ritualisticamente encenada por um par de jovens iniciados, sendo que a mulher é selecionada por sua beleza. Na obra *Amor e Ocidente*, Denis de Rougemont ponderou que o que remanesceu dessa prática mística reside por trás de certos romances de amor cortês e códigos dos Trovadores.

### O Problema de Peixes

A consciência do Ocidente cristão permanece cindida, incapaz de resolver os opostos da *Roma* (de Marte) e do *Amor* (de Vênus), apesar do surgimento de igrejas e movimentos espirituais

alternativos. Jung vê a cisão como refletida no simbolismo astrológico de Peixes que rege a Era Cristã. Ele diz que esta é uma era na qual o problema dos opostos psíquicos está profundamente acentuado. Jesus, como o conhecemos, logo foi assimilado na mente mística com o símbolo do Peixe, não só como um pescador de homens, mas também como representante do arquétipo dominante da era: os peixes gêmeos do signo de Peixes. O primeiro peixe parece ser Cristo, mas então quem ou o que é o segundo? Acompanhando o pensamento de um grupo de autoridades patrísticas antigas, incluindo o venerável Agostinho (um ex-Maniqueísta) Jung conclui que o segundo peixe é o anti-Cristo, o lado sombrio de Cristo, cujo espírito virá dominar *a segunda metade da Era de Peixes*, quando a energia de Cristo irá para o inconsciente. Jung vê que “um abismo assustador abriu-se entre Cristo e anti-Cristo no século XI”, o que visionários como Joachim de Flora compensaram com imagens apocalípticas de uma nova era do Espírito Santo. Mas, infelizmente, o poder potencialmente revitalizante do espírito dispersou-se nos movimentos coletivos que mencionamos e a Igreja enrijou-se em repressão e dogmatismo: “A era do anti-Cristo merece censura pelo fato de que o espírito tornou-se não espiritual e o arquétipo revitalizante gradualmente degenerou-se em racionalismo, intelectualismo, e doutrinário, tudo o que resultou na tragédia dos tempos modernos”.

O próprio Jung tentou demonstrar em seus estudos de alquimia que, nessa disciplina arcana e em grande parte subterrânea, a vida e os mistérios da transformação espiritual foram, entretanto, mantidos vivos. E, se os alquimistas eram os guardiões dos mistérios perdidos do espírito, os romances cortesões e cultos do amor sobreviveram para manter vivos os mistérios da natureza e a Grande Mãe. Ao mesmo tempo, os Cátaros transmitiram o *lumen naturae* como sendo a emanção feminina do Espírito Santo (Sofia), pela imposição das mãos, um ritual equivalente à transmissão de *barakah* pelos Sufis ou do *Shaktiput* dos Yogis. Emma Jung esforçou-se para demonstrar que os romances do Graal são meditações coletivas sobre esse problema apresentado pelo inconsciente. Em todas essas correntes encontramos uma convergência de imagens de fontes celtas, orientais, cristãs e alquímicas, todas buscando um novo símbolo não apenas da transcendência espiritual, mas também da *Divina Imanência na criação*.

## PART II: UMA INTERPRETAÇÃO DA LENDA DO GRAL

### Sinopse da Lenda

O romance *Percival* (1185), de Chretien de Troyes, a primeira de muitas versões da história dos Graals, é de uma simplicidade e franqueza ausentes na versão posterior, uma trama mais elaborada de cavalheirismo e Cruzadas, que encontramos no *Parzifal* (1212) alemão, de Wolfram von Eschenbach. Especialistas notaram empréstimos óbvios das sagas galesas na primeira obra, mas a lenda é essencialmente expressa na *língua franca* cavaleiresca conhecida em todas as cortes, de Monmouth a Provença e de lá a Beirute. Diferentemente de Wolfram, não há nenhuma tentativa de referência contemporânea; o cenário é *in illo tempore*, o “era uma vez” da convenção do mito e das lendas folclóricas, em que a corte de Artur é tão remota no tempo e espaço para o leitor medieval quanto Tróia o era para os gregos atenienses da Era Clássica. Embora o mundo seja cristão, nenhuma explicação cristã do Graal é oferecida por Chretien – a lenda de que o Graal é o cálice da Última Ceia trazida para a Bretanha por José de Arimatéia é um acréscimo posterior. Portanto, o Graal aparece na primeira leitura com toda a espontaneidade e mistério de uma poderosa imagem onírica.

*Os elementos essenciais da estória são os seguintes: Um nobre, mas simples, jovem galês cresce isolado no campo. Sua mãe, uma viúva triste, o mantém afastado da corte, porque seu pai e seus dois irmãos haviam morrido em combate quando o jovem ainda era bebê. Percival nunca tinha visto um cavaleiro, mas, quando finalmente vê, determina-se a ser um deles. Sua mãe desmaia quando sabe de seu intento, mas permite que vá, desde que prometa respeitar todas as donzelas, freqüentar diariamente a igreja e nunca fazer perguntas.*

*Numa série de aventuras ingênuas, ele encontra primeiro uma donzela, depois o esplêndido Cavaleiro Vermelho, a quem mata para ficar com sua armadura. Nesse feito é encorajado pelo Rei Artur, que acredita no presságio de que um tolo simplório será o maior dos cavaleiros.*

*Depois de acompanhar o treinamento de Lorde Gornamant nas artes do combate e na filosofia cavaleiresca, o jovem segue sozinho, novamente com o conselho de ser prudente e não falar muito. Ele encontra Lady Blanchflor, a quem compromete seus serviços na defesa das terras da senhora que estão sitiadas. Triunfante na sua tarefa e amado por Blanchflor, tem franca liberdade para pretender a sua mão, mas decide, antes, tentar encontrar sua velha mãe. Em sua busca, depara-se com o misterioso castelo do Rei Pescador, que está gravemente ferido nas coxas. O rei só consegue algum alívio para a dor quando está pescando. Em uma marcha solene, Percival vê uma lança coberta de sangue e uma taça que brilha com uma luz fulgurante, mas, em atenção aos conselhos de sua mãe e de seu professor, nada pergunta sobre o rei. (Mais tarde uma jovem virgem contou-lhe que ele poderia ter curado o rei, se lhe tivesse feito as perguntas certas). Na manhã seguinte, o rei, o castelo e todos seus habitantes haviam desaparecido. Percival participa de muitas aventuras, mas, gradualmente, esquece tudo que lhe haviam ensinado, esquece sua mãe, seu professor, Blanchflor e o Graal. Depois de muitos anos, um ermitão lhe lembra de sua fé e de sua busca original, insinuando que a perda do Graal teria a ver com o fato de que abandonara sua mãe, que depois morreria. O ermitão também lhe conta sobre o pai do Rei Pescador, a quem o Graal é destinado e que mora*

*num aposento na parte interior do castelo alimentando-se apenas de hóstias. Aqui a história (incompleta) é interrompida.*

## **Percival, o Herói**

Iniciemos pelo herói, Percival, cuja principal proeza na história de Chretien é descobrir o Graal e curar, ou seja, aliviar, o sofrimento do Rei Pescador. Percival é a típica criança órfã de pai, um arquétipo que comumente caracteriza o herói, onde frequentemente se infere que o pai verdadeiro é um homem de alta posição social, ou até mesmo, em muitos mitos, um deus. Essa falta de um pai tem muitas consequências no plano imediato; o pai sempre estabelece limites, os limites do mundo, que podem ser limites de dinheiro, poder ou lei. A criança criada sem pai não conhece as limitações imediatas (a mãe não pode contê-lo e secretamente o “endeusa”) e, portanto, pode carregar uma energia e uma intrepidez que literalmente não conhecem fronteiras. Os feitos de heróis crianças como Hércules exibem essa superabundância de vida como poder físico; ou, como no caso de Jesus ainda criança no templo, há uma superabundância de sabedoria, sem limites, não contaminada pelo cânone patriarcal.

Percival passa por um grande número de enfrentamentos cavalheirescos e logo prova sua intrepidez física, mas é reconhecido menos por sua bravura e mais por sua simplicidade e por uma negligência, um *insouciance*, particularmente em relação às mulheres. Ele se esquece de sua mãe e se esquece de perguntar sobre o Graal, e esse seu descuido é uma imagem da tendência que nós todos temos de permitir que o reconhecimento do fundamento feminino do nosso ser caia no inconsciente.

No começo da história, Percival mora com a mãe e é chamado “o filhinho da viúva”. Pode não ser coincidência o fato de que Mani, que deu origem ao Maniqueísmo, fora também chamado “o filho da viúva”, assim como também o era Horus nos mistérios de Ísis. Tanto *o profeta* Mani quanto *o deus criança* Horus são arautos do embate com as forças do bem e do mal a serviço da suprema deusa, a Virgem do Mundo. Na história de Chretien, a mãe chora a morte do pai de Percival “ferido nas coxas” (como o Rei Pescador) e dos seus dois outros filhos, todos mortos em combate. Seu refúgio na floresta é como um regresso do arquétipo da mãe à natureza, indefesa num mundo onde a força das armas ou de Marte é toda poderosa.

Isso também significa que o nosso herói está próximo da natureza, do self natural, instintivo e espontâneo. E é essa parte de sua ingenuidade que o equipa para a tarefa de buscar os mistérios do feminino; ele não tem medo dos poderes negros da deusa mãe que são tão aterrorizantes para o filho do pai (é Gawain, o filho do pai, simbolizado por sua busca pela lança – o emblema fálico – quem deve lidar com “a noiva abominável” ou com a figura da “bruxa horrenda”, e não Percival).

Na verdade, todos os encontros de Percival com as donzelas na história são espontâneos, calorosos e naturalmente sensuais. No seu encontro com a “donzela triste”, a história conta que “ele a beijou e suavemente a puxou para debaixo de suas cobertas, e ela não resistiu a seus beijos – os quais eu não acho que lhe foram desagradáveis. Assim ficaram deitados aquela noite lado a lado, boca a boca, até que amanhecesse”.

Deve-se ressaltar que, embora eles tenham se beijado e se deitado juntos sob as cobertas, nada é dito sobre fazer amor; o ato é uma expressão natural de sua atração mútua; não é nem puramente sensual nem, como nas outras versões, uma negação deliberada do aspecto sensual.

Para Chretien, como para todos os Trovadores, a beleza da mulher é o reflexo da beleza de Deus; o que no Judaísmo místico é chamado de *Shekinah*, a beleza da criação, que é a Noiva de

Deus. Essa concepção profunda e abrangente perdeu-se no Cristianismo Ocidental, porque, a partir dos Pais do Deserto, ensinou-se que os bons Cristãos de ambos os sexos deveriam desprezar o corpo, mortificar a carne e condená-la a austeridades extremas.

A doutrina de *Shekinah* não ficou perdida para o Islamismo, entretanto. Apesar de uma superfície de puritanismo, alimentava-se, contudo, entre os Sufis, um erotismo místico de muitas facetas. Por um lado, o Sufismo absorveu os ensinamentos não somente gnósticos, mas também os neoplatônicos, que enfatizavam a correspondência entre a beleza transcendente e a imanente. O falecido Henry Corbin, um dos grandes estudiosos ocidentais do Sufismo, escreve, a partir dessa perspectiva, que “*a beleza feminina é a teofania por excelência*”, numa menção às palavras do Profeta: “Eu vi Deus sob a mais bonita das formas”.

Corbin prossegue dizendo:

A beleza é um atributo essencial de Deus e não pode ser percebida, a não ser nas suas criaturas; e, além disso, o amor pelo ser criado belo é a única experiência que pode despertar um genuíno amor a Deus. E é por isso que o próprio Deus é a fonte e a realidade de Eros e proíbe sua dupla dessacralização: dessacralização por libertinagem, que é sua profanação; e dessacralização por meio de um ascetismo que é deliberado ou que, por outro lado, inerentemente procura o sofrimento, o que acaba por equivaler a sua negação.

Então, de alguma forma, Corbin e os Sufis sugerem que há um caminho do meio entre a Scylla da libertinagem e a Caribde da autossuplício asceta. O caminho do meio dos Sufis que os Trovadores, e depois Dante, claramente adotaram era precisamente *o caminho da contemplação da beleza* em sua encarnação feminina. Afirma-se em *Eric*, outra obra de Chretien:

O que posso dizer sobre a beleza dela? Na verdade, foi feita para ser admirada: pois nela qualquer um pode ver a si próprio como se em um espelho.

Admirar um belo rosto ou um belo corpo é ver refletido nele o atributo divino da beleza transcendente. O olho que vê torna-se o olho de Deus admirando sua criação. E esse olhar, contemplando, é a ponte do encarnado para a alma. Ao fixar nossa atenção, vamos além do simples desejo, além até da imaginação, pois não há mais nada a imaginar na presença da beleza.

A disciplina espiritual implícita nisso foi soberbamente expressa por Simone Weil:

O belo é uma atração carnal que nos mantém à distância e implica renúncia. E isso inclui a renúncia daquilo que é o que há de mais profundamente assentado: a imaginação. Queremos comer todos os outros objetos de desejo. O belo é aquilo que desejamos sem pretender comer. Nós desejamos que seja...*O belo é a presença real de Deus na matéria...O encontro com o belo é um sacramento.*

No Yoga Tântrico indiano, aquela ramificação secreta do Yoga que é dedicado à Grande Deusa, há uma prática chamada *Maithuna*, que, segundo Mircea Eliade, é onde “a união sexual é transformada num ritual por meio do qual o casal humano torna-se um casal divino”. Uma jovem Yogini, escolhida por sua beleza, vive com um jovem Yogi treinado; e, gradualmente, o casal, passando por vários estágios juntos, prepara-se para um intercuro ritualístico. Fitar um o outro, em estado de excitação, é um estágio previsto no processo destinado ao despertar místico.

Assim escreve Eliade:



Toda mulher nua encarna *prakrti* (i.e. substância compreendida como “material” feminino). Portanto, ela deve ser olhada com a mesma adoração e o mesmo desapego com que uma pessoa exercita uma reflexão sobre o insondável segredo da natureza, sua ilimitada capacidade de criar. A nudez ritualística da *yogini* tem um valor místico intrínseco; se, na presença da mulher nua, a pessoa não encontra em seu ser interior mais profundo a mesma emoção aterrorizante que sente diante da revelação do mistério cósmico, não há rito, mas apenas um ato mundano com todas as conseqüências conhecidas (fortalecimento da corrente kármica etc)

Se essas práticas foram importadas do Oriente durante as aberturas interativas dos Séculos XI e XII, provavelmente nunca saberemos, devido à ameaça que representavam para o ascetismo Cristão e para uma cultura que renegava o corpo e a terra. Fortes indícios da existência de tais práticas, ou pelo menos do princípio da contemplação da beleza, são encontrados em Chretien e nos Trovadores contemporâneos. Apesar de todo vigor e júbilo ostentado nas cortes de Anjou e Languedoc, a cultura do l’amour courtois permaneceu restrita a uma minoria, destinada a prosperar, mas apenas brevemente, deixando para trás somente esses vestígios literários.

Impossível não notar a diferença entre a atitude de Percival para com a donzela e o posterior relevo dado à castidade e à pureza que encontramos na *Morte D’Arthur* (1845), de Malory. Aqui somente Sir Galahad, o mais puro cavaleiro, é digno de buscar o Graal. Malory escreveu ao final de um período que assistiu à intensa Cristianização da lenda do Graal e a sua posterior espiritualização. Chretien de Troyes escreveu em meio à cultura insolentemente herege dos Cátaros que estava associada a Eleanor de Aquitânia, neta de Guilleme IX, o primeiro Trovador o qual citamos. Uma cultura que trouxe à vida mais uma vez “o antigo prazer em *Eros* e a liberdade do espírito” (Heer), mas, de igual modo, uma cultura que foi, por essa mesma razão, execrada por São Bernardo de Claraval que, como paradigma da ortodoxia espiritual, chamava-a de “*o demônio do Sul*”. É bom lembrar que, entre os grandes sermões de São Bernardo, estão os sobre o *Cântico dos Cânticos*, o mais sensual dos documentos do Velho Testamento e que celebram o amor de Salomão por sua noiva negra Sulamita. Em comum com a tradição Patrística e também Judaica, São Bernardo viu essa paixão como uma descrição totalmente alegórica da união da alma com Deus!

## O Rei Pescador

Nesse ponto – minha imagem da apaixonada, mas sensual, Eleanor de Aquitânia fitando, através do abismo cultural do ardente Sudoeste, a face de um igualmente apaixonado, mas místico, São Bernardo, na frieza e imponência de sua Abadia de Cluny, no Nordeste – nesse ponto, antes que a terrível Cruzada Albigense que se precipitou em direção a Rhone e suprimiu a fogo e espada “o demônio do Sul”, para vitória eterna e vergonha eterna dos líderes da Igreja, vamos nos voltar para o que Wagner, Jung e T. S. Elliot consideraram como a imagem mais intrigante do *Conte Del Graal*, de Chretien, aquela do Rei Pescador ferido em meio a *le pay gaste* – a terra devastada.



## A Terra Devastada

Em quase todas as versões da lenda, como foi sintetizado por Jessie Weston em *From Ritual to Romance*, a ferida do Rei Pescador, ou Rei Graal (os quais às vezes são duas entidades) está diretamente associada à seca prolongada que reduziu o campo a um terreno inculto. A tarefa do herói, ao fazer a pergunta certa, seria tanto curar o rei como “liberar as águas”, para assim restaurar a vida no reino.

Nas várias versões, três diferentes perguntas são formuladas, dependendo do tipo de texto que a acompanha. No texto de Chretien, que, acredita-se, tenha sido o primeiro, a pergunta que Percival deve formular é: “*A quem o Graal serve?*”. Uma prosa quase contemporânea de Percival faz o herói perguntar: “*O que é o Graal?*”. No *Parzifal*, de Wolfram, entretanto, muito mais tarde, a terra devastada desaparece fazendo com que toda ênfase recaia sobre a ferida do Rei Amfortas e, para *der reine Thor*, o tolo puro, a pergunta é: “*O que te dói, meu tio?*”. Iniciarei com a última, que se refere à ferida do Rei Pescador, pois ela nos leva diretamente ao cerne do nosso problema e, além, para o mistério do Graal.

Na versão de Chretien, o pai de Percival foi ferido por uma azagaia nas coxas, como o foi o Rei Pescador. Em outras versões era o tio de Percival, mas neste caso parece ser mesmo o pai, em função do tipo de ferimento. Isso torna evidente que as terras do Rei Pescador e as águas que Percival deve atravessar são miticamente a Terra dos Mortos, ou as trevas.

Podemos dizer que o Rei Pescador é o princípio paterno ferido – o enfraquecido, improdutivo e espiritualmente abandonado mundo paterno do tempo de Chretien. Em virtude da analogia com Cristo como *Ichthys*, o Pescador de Homens, Emma Jung escreve:

O Rei Graal como tal é como se fosse a imagem arquetípica do homem Cristão como ele é visto da perspectiva do inconsciente. Visto assim, ele dissemina uma sombra extraordinária.

Ele está ferido nas coxas, o lugar da geratividade. Se esse simbolismo não fosse por si claro; no *Parzifal*, de Wolfram, ele se torna ainda mais explícito, pois o Rei Graal, o Rei Amfortas, foi ferido nos testículos.



É esta, então, a imagem do homem Cristão que emergiu nas fantasias inconscientes dos Trovadores do Século XII: um Pescador Real rico, mas, do ponto de vista sexual, horrivelmente ferido, governando sobre uma terra que está desolada, infértil, improdutiva. A terra, na verdade, reflete sua impotência; as águas da vida secaram por dentro e por fora.

Cabe ao inocente tolo perguntar àquela parte da nossa consciência Ocidental: Por que estamos sexualmente mortos? Por que a nossa comunhão com a fecunda terra não é mais frutífera? O que há de podre ou de tão terrivelmente errado com a sexualidade do homem Cristão ocidental?

Em outras versões da história, a única coisa que pode aliviar o sofrimento do rei é a hóstia da comunhão, que é depositada no Graal (de cima para baixo) no Domingo de Páscoa. Wolfram e Wagner assim elaboram o mistério do poder curador da Eucaristia: é alívio e não cura real. E eu creio que fracassa (como o fazem todas as posteriores versões mais Cristãs e de certo modo mais sentimentais da história) como cura real, porque vem de cima; é uma solução apenas transcendente ou espiritual. Os símbolos ou sacramentos Cristãos não podem mais ajudar, porque *o Cristianismo do Século XII está ele mesmo doente*.

O antídoto não pode vir de cima, ele deve vir de onde a ferida está: de baixo. E é daí que vem o problema mais profundo do Cristianismo cindido: abaixo está tudo que pertence ao diabo, ao anti-Cristo. Eu proponho que seja essa a razão pela qual o Rei Pescador queima seus dedos no salmão, que é o que ocorre em uma das versões: ele não é capaz de manusear o segundo peixe da Era de Peixes. É muito quente. Queima suas mãos. A sexualidade, especialmente a sexualidade sepultada, é fogo impossível de controlar, pois é fogo do inferno.

Mas há algo que está ainda mais abaixo, que é o Graal, a fonte da vida, da geratividade, do Eros primordial. O Graal pertence a tudo que é macio, dócil, *yin*, no corpo, na terra, na Mãe: pleno, rico, suave, gentil, e infinitamente abundante.

A sexualidade impotente é a degradação final de Marte, o espírito imperialista impositivo. Marte era originalmente para os romanos um deus “Dionisíaco”, da fertilidade, cujo falo era a charrua que engravidava Venus, a Mãe Terra, mas que também, com sua espada, protegia a terra dos invasores. Devido à insegurança e a ânsia por poder, primeiro da Grécia colonial e depois da Roma Imperial, a relha transformou-se permanentemente na espada, e a ígnea semente da criação transformou-se em chamas da destruição. Isso porque Marte, quando é unicamente deus da guerra (como o Ares grego), perde sua conexão com a terra e se torna o bruto e voraz agressor sexual que não conhece limites, a não ser que seja refreado pelas leis rigorosas de uma autoridade maior. O Cristianismo romano freou essa libido selvagem, a serviço primeiro de uma religião imperial, depois da Inquisição e das Cruzadas, e finalmente do espírito Conquistador em sua insaciável ganância por mais conquistas ou “influências” – que inicialmente buscou um ideal ascético ou puritano que contrabalançasse seu medo de resvalar para dentro da sombra pagã da libertinagem – e sua perda da corporificação sensual de Venus.

“O medo Cristão da perspectiva pagã danificou toda consciência do Homem”. Assim escreveu D. H. Lawrence na sua última obra, *Apocalipse*. A ferida do Rei Pescador é a imagem medieval daquela consciência danificada e da terrível alienação da Mãe Terra que ela forjou.

Emma Jung cita uma versão diversa, mas também dos primeiros anos, da lenda do Graal sobre “a destruição do país de Logres”, um tipo de lembrança de uma Idade Arturiana distante anterior à Queda. Conforme segue, o poder terrível de Marte é claramente responsável pela perda do Graal e desolação da terra:

Uma vez viviam naquela região, numa certa *puis*, i.e. sepulturas ou grutas que abrigavam nascentes, jovens virgens que costumavam revigorar, caçadores e peregrinos cansados que por ali passavam, com comida e bebida. Bastava ir a um desses *puis* e expressar seus

desejos e imediatamente uma linda donzela apareceria, carregando uma tigela dourada contendo todo tipo de alimento (também um tipo de graal). À primeira, se seguiria uma segunda jovem portando uma alva toalha de mão e uma segunda tigela contendo o que quer que o visitante desejasse. As donzelas serviam todos os viajantes dessa maneira, até que um dia um rei chamado Amagons raptou uma delas e roubou sua tigela dourada. Seu povo seguiu seu mau exemplo e as virgens nunca mais saíram da gruta para revigorar peregrinos. Daquele tempo em diante, a região começou a se tornar árida. As árvores perderam suas folhas, a grama e as flores murcharam, e a água faltou mais e mais. “E daí em diante a corte do Pescador Rico que fazia o solo reluzir com ouro e prata, com peles e coisas preciosas, com alimentos de toda sorte, com falcões, gaviões e gaviões pardais, não seria mais vista. Naqueles dias quando a corte ainda podia ser vista, havia riquezas e abundância por toda parte. Mas agora tudo isso está perdido para a terra de Logres

É lugar-comum no trabalho junguiano de sonhos que, quando uma imagem não pode ser entendida ou assimilada pela consciência, ela retorne de formas ligeiramente diferentes outra vez e outra vez, até que a consciência esteja mais apta a receber o seu significado. Wagner batalhou com a ferida de *Amfortas* em Parsifal, e T. S. Eliot explorou a terra devastada como uma paisagem contemporânea de sonhos, mas nenhum dos dois viu o problema como sexual. Coube a D. H. Lawrence, que trabalhou mais próximo dos problemas do Cristianismo e do paganismo, apresentar uma versão totalmente renovada do arquétipo nos seu último romance, *O Amante de Lady Chatterly*. Na obra intencionalmente mal interpretada de Lawrence, a razão pela qual Constance Chatterly procura um amante é porque *seu marido está paralisado da cintura para baixo* devido a um ferimento sofrido na Grande Guerra. No caso do Rei Pescador foi uma azagaia, no de Lord Chatterly foi um fragmento de granada, mas para ambos a impotência sexual é a mesma. Ambos são governantes e membros de uma elite militar, simbolizando arquetipicamente um dominante na consciência que está ferido de morte e que não pode mais sustentar a cultura que governa deixando tudo que é feminino descontente e improficuo.

Assim como com os Romanos, assim com os Britânicos. A expansão incontida do imperialismo de Marte (sem levar em conta aqui o “bom” verniz da instrução e da civilização) leva inevitavelmente à dispersão completa da libido da terra mãe – uma total perda da conexão com o solo pátrio causada por séculos de adulteração que a mistura com culturas estrangeiras provoca, tudo a serviço de uma idéia grandiosa, mas lunática, chamada Império Britânico.

Do mesmíssimo modo com que os bárbaros inundaram Roma, assim também hoje Londres está à mercê da onda de imigrantes de todas as raças, mal instruídos, desarraigados e desnorreados, provindos das antigas colônias. É o retorno do reprimido: é a sombra Dionisíaca pagã que volta para reivindicar o centro cada vez mais decadente da metrópole (literalmente: “Cidade Mãe”), aquela espiritual terra devastada que foi tudo o que sobrou quando o dardo imperialista foi de fato disparado.

Na visão de Eliot:

O que é aquele som alto nos ares

Rumorejo dos lamentos maternos

O que são aquelas hordas aglomeradas

Sobre planícies infindáveis, tropeçando na terra rachada

Rodeada apenas pelo horizonte estendido

O que é a cidade sobre as montanhas  
Fendas e emendas e rupturas no ar violeta  
Torres ruindo  
Jerusalém Atenas Alexandria  
Viena Londres  
Irreal.

Mas talvez, como o romance de Lawrence sugere, a sombra do Marte imperialista britânico não é para ser encontrada projetada apenas na África, na Jamaica, em Hong Kong ou na Índia (lembrando Joseph Conrad, E. M. Forster, Somerset Maugham), mas deve ser procurada na nossa casa, no camponês da terra – esmagado, até ficar irreconhecível, pelas sucessivas invasões dos Saxões, dos Dinamarqueses, dos Vikings e dos Normandos. O camponês, o *paysan* ou homem dos *pays* (= o campo), que se enveredou pelas florestas; o homem selvagem da alegoria medieval. Mellors, o homem da floresta, é, como proponho, a verdadeira sombra da aristocracia impotente do Império Britânico; ele corporifica o Dioniso fálico perdido; o pagão Senhor das Bestas, é o Cernunos Celta que se tornou o Diabo da tradição da feitiçaria, poderosamente e totalmente enraizado na sexualidade espontânea natural, como sendo aquele que possui a força vital da criação. É isso que busca Constance, a supercultura anima britânica, inicialmente toda mental, corpo quase esquecido, um arquétipo da Atena superintelectual, afastada da Mãe Terra, sua sexualidade mera máscara e fantasia sentimental.

### O que é o Graal?

Na marcha solene, que Percival testemunha enquanto está sentado na companhia do Rei Pescador ferido, primeiro vem um escudeiro levando uma lança branca que sangra na ponta. A maioria dos críticos a veem com um símbolo fálico, mas se perdem ao tentar explicar por que sangra. É possível que seja um lembrete do ferimento do Rei Pescador perpetrado por uma azagaia na batalha, mas é igualmente possível que se refira à lança que trespassou o flanco de Cristo na cruz. Se este for o caso, corrobora o argumento de Emma Jung de que o Rei Pescador é “a imagem arquetípica do Cristo homem” que toma em si e para si a indômita e voraz dominação de Marte desde os tempos de Roma até o mundo moderno. A compensação de Marte pelo sacrifício de Dioniso – Dioniso, como Cristo, foi ritualmente morto e desmembrado e comido nos mistérios – parece ser o tema arquetípico central da crucificação, na qual Jesus foi vítima do poder romano. A lança continuou a sangrar nos tempos medievais, como com certeza ocorre hoje, como testemunha de todas as vítimas da implacável opressão militar que não presta nenhuma atenção ao supremo mandamento de Cristo.

Depois da lança, aparecem dois candelabros conduzidos por dois escudeiros, possivelmente um símbolo de devoção e reverência ao que a isso se seguiria; possivelmente uma referência judaica:

Uma donzela entrou com dois escudeiros carregando entre suas duas mãos um graal. Ela era bonita, graciosa, esplendidamente vestida, e, à medida que ela entrava com o graal em suas mãos, surgiu uma luz tão brilhante que as velas perderam seu brilho, do mesmo modo que as estrelas a perdem quando a lua ou o sol nasce...O graal...era de um ouro polido; e era incrustado de muitos tipos de pedras preciosas, das mais ricas e caras que existiam na terra ou no mar.

A etimologia da palavra “graal” remonta, convincentemente, ao latim “*gradale*” ou “*gradalis*”, que significa um prato ou uma tigela funda. Chegou ao francês antigo como *greal* e ao provençal como *grazal* e em catalunho como *gresal*, todos significando uma taça, tigela ou vasilha de madeira, barro ou metal. Escritores mais recentes fizeram trocadilhos com o latim *Gratus* (agradável) e o francês *gre* (desejo) por causa da capacidade que tinha de garantir todos os desejos àqueles que o merecessem.

À medida que a lenda caiu no esquecimento, no fim da Idade Média. “graal” ficou associado ao “paraíso na terra” e aos deleites sensuais. Um cronista do Século XV diz que  
...historiadores são da opinião de que o Cavaleiro do Cisne [Lohengrin] veio da montanha onde Vênus reside no Graal.

Essa elaboração contínua das associações venusianas, claramente o principal núcleo pagão e Oriental das convenções do amor cortês, caminha lado a lado com as crescentes variações Cristãs do Graal. Ele se torna o Cálice da Última Ceia e, na *minnelieder* germânica, a Virgem ela mesma é o Graal – claramente o Vaso Sagrado que transporta o Senhor. Emma Jung observa que Deus Ele mesmo é chamado de o Supremo Graal.



*O Cálice de Antioch (século XII)*

## CONCLUSÃO: A LUZ DO GRAAL

À medida que temas cada vez mais ricos e refinados se entrelaçam na grande trama da Busca, o Graal evolui e se torna um dos símbolos mais extraordinários, integrativos e transformativos da Cultura Ocidental. Coração do romance Arturiano, ele é “o tesouro difícil de obter”, suscitando elevadas sublimações de Marte na disciplina cavalheiresca, centrando-as nessa

imagem infinitamente inspiradora do feminino eterno que redime a mulher de sua pecha de “matéria obscena” pouco melhor que a serpente do mal – que é como a teologia contemporânea a vê. E o mais impressionante é que, por afetar a improvável reconciliação entre Maria e Vênus, resgatou na imaginação popular o mistério da sexualidade e da sacralidade do corpo da Mãe de todos nós, que é também a terra.

É esta então a luz do Graal: a energia divina que irrompe do Útero Divino, *vax generatrix* da Mater, matéria, substância; aquela luz que vem debaixo – a qual Paracelsus mais tarde chamou de *lumen naturae*, para diferenciar de *lumen dei*.

À medida que o conhecimento contemporâneo de outras religiões se expande neste século, pioneiros como Sir John Woodruffe, Richard Wilhelm, Jung e Mircea Eliade têm demonstrado que há paralelos entre esse vaso recipiente da luz interior e a energia transformadora dos ensinamentos esotéricos da China, do Tibete e da Índia conhecida como “luz dourada”, “poder da serpente”, “energia chi”, “tapas”. Vasos ou recipientes dessa energia são também encontrados nos centros sagrados do corpo macrocósmico, a terra, especialmente em locais como Bogaya, Jerusalém, Delphi, a Grande Pirâmide, Chartres, Stonehenge, que equivalem, no corpo microcósmico, aos chakras. No Yoga Tântrico, esses vasos interiores são simbolizados pelo lótus; no Yoga Taoísta chinês o centro do ventre é na realidade visto como um pequeno forno.

Norman O. Brown escreveu que “o objetivo da psicanálise – ainda não realizado, e ainda somente meio consciente – é o retorno da nossa alma ao corpo, o nosso retorno a nós mesmos, superando, assim, o estado humano de auto-alienação”.

É esse estado de auto-alienação que é a terra devastada. E, se pretendemos encontrar o Graal que é a fonte da energia vital e o qual pode resgatá-la, não podemos, como Percival, negligenciar nosso ferimento ou nossa “mãe” (*mater*), que é a “*matéria*” (o material). As famosas palavras de Blake agora podem adquirir novo significado:

Energia é a única vida, e vem do corpo; a razão é o limite ou a circunferência exterior da energia.

A energia é o eterno deleite.

Se pretendemos encontrar a fonte dessa energia, devemos primeiro ir para dentro, penetrar aquele terreno desconhecido que podemos avistar na fantasia, no sonho e na meditação. E nossa primeira percepção será de áreas mortas, e do nosso Rei Graal interior, doente e em sofrimento. Aquele cuja cabeça e coração estão em desarmonia e aquele cuja genitália foi maltratada, ignorada. Sentimento de dor, perda, culpa; e necessidade de penitência. Se ao menos conseguíssemos atravessar o medo e mergulhar para dentro de nós mesmos, preparando-nos para resgatar a brandura e ternura perdidas: as donzelas tristes e as noivas abomináveis com as quais devemos casar dentro de nós mesmos. Aí, sim, poderemos encontrar o Graal.

Mergulhemos mais profundamente em nosso corpo, na suavidade, na docilidade, na receptividade, na confiança, em direção ao receptáculo infinitamente generoso, abrindo-nos para o deleite suave do corpo que treme ao fluxo do Eros interior – belas imagens despertando raízes físicas do nosso ser. E essa energia, tratada com reverência e gentileza, emergirá, circulando no caldeirão do estômago, e fluirá, tal qual ouro líquido, para o coração e para a morada da visão interior, que é a cabeça.

Pois o templo do Graal, o qual as lendas posteriores dizem que está no Oriente Leste, guardado por Prester John, o templo do Graal não é nada mais do que o corpo. Penetrar o interior para encontrar o Graal é praticar a con-templação – estar “com o templo”. Os segredos desse templo

e o grande tesouro que ele contém estão na verdade no Oriente, pois foram somente o yoga contemplativo Tântrico e o yoga Taoista na Índia e na China que os preservaram.

As histórias do Graal, então, principalmente as primeiras, são de uma espécie de erotismo místico, relíquias de um culto que sobrevive somente em mitos e imagens, mas cuja luz continua a brilhar e a nos iludir, podendo até conduzir-nos em nossas buscas a um entendimento, mais profundo do que nunca, do mistério da encarnação, para aquilo que William Blake piedosamente chamou de *A divina forma humana*.



*Tristão e Isolda*

Traduzido por Thais Maurmo ©Roger J. Woolger (1983)

[www.magdalenetours.com](http://www.magdalenetours.com)

[www.dmpbrasil.com](http://www.dmpbrasil.com)